

**Como citar
este artigo**

Cavalcant MAA,
Tsunechiro MA.
[O comportamento
paterno na consulta
pré-natal]. Rev Paul
Enferm [Internet].
2018;29(1-2-3):39-46.

**Autora
Correspondente**

**Maria Alice
Tsunechiro**

E-mail:
tamnami@usp.br
Endereço: Av. Dr. Enéas
de Carvalho Aguiar, 419,
São Paulo/SP, Brasil.
CEP: 05403-000

O comportamento paterno na consulta pré-natal¹

Paternal behavior at prenatal consultation

El comportamiento paterno en la consulta prenatal

Miriam Aparecida de Abreu Cavalcant¹, Maria Alice Tsunechiro¹

¹ Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem. São Paulo-SP, Brasil

RESUMO

O estudo teve como objetivo conhecer a experiência do homem como acompanhante na consulta de pré-natal. Pesquisa qualitativa, cujos dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, organizados pelo método do Discurso do Sujeito Coletivo e analisados sob a ótica da Teoria das Representações Sociais. Participaram 15 homens acompanhantes em um serviço de pré-natal da cidade de São Paulo (SP), Brasil. Foram identificados cinco temas: os motivos para acompanhar a mulher; o homem no contexto ambulatorial; o homem acompanhante no contexto familiar; as dificuldades em acompanhar as consultas pré-natais; a experiência da participação. Ainda que o atendimento pré-natal seja destinado aos cuidados com a mulher grávida, a experiência do homem na atenção pré-natal – o objeto social – é uma inserção masculina no universo feminino. Esta experiência pode beneficiar a ambos na vivência do período gestacional.

Descritores: Cuidado Pré-Natal; Enfermagem Obstétrica; Enfermagem na Atenção Primária; Comportamento Paterno; Enfermagem.

ABSTRACT

The study aimed to comprehend the experience of man as companion at the prenatal consultation. A qualitative research was carried out, whose data were collected through semi-structured interviews, organized by the Collective Subject Discourse method and analyzed from the perspective of Theory of Social Representations. Participants were 15 men attending a prenatal service in the city of São Paulo (SP), Brazil. Five themes were identified: the reasons to accompany the woman; the man in the outpatient setting; the accompanying man in the family context; difficulties in following prenatal consultations; the experience of participation. Although prenatal care is intended for the care of pregnant women, the experience of men in prenatal care - the social object - is a male insertion in the female universe. This participation can benefit both in the experience of the gestational period.

Descriptors: Prenatal Care; Obstetric Nursing; Nursing in Primary Care; Parental Behavior; Nursing.

RESUMEN

El estudio tuvo como objetivo conocer la experiencia del hombre como acompañante en la consulta de prenatal. Investigación cualitativa, cuyos datos fueron recolectados por medio de entrevistas semiestructuradas, organizados por el método del Discurso del Sujeto Colectivo y analizados bajo la óptica de la Teoría de las Representaciones Sociales. Participaron 15 hombres acompañantes en un servicio de prenatal de la ciudad de São Paulo (SP), Brasil. Se identificaron cinco temas: los motivos para acompañar a la mujer; el hombre en el contexto ambulatorial; el hombre acompañante en el contexto familiar; las dificultades para acompañar las consultas prenatales; la experiencia de la participación. Aunque la atención sea destinada a los cuidados con la mujer embarazada, la experiencia del hombre en la atención prenatal –el objeto social- es una inserción del hombre en el universo femenino. Esta experiencia puede beneficiar a ambos en la vivencia del período gestacional.

Descriptor: Cuidado Prenatal; Enfermería Obstétrica; Enfermería en la Atención Primaria; Comportamiento Paterno; Enfermería

INTRODUÇÃO

A participação do homem durante o pré-natal, e mesmo no parto, é uma tendência desde a década de 1980, quando esse comportamento começou a ser estimulado, particularmente, entre casais de extrato social médio⁽¹⁾.

Desde 1999, a legislação estadual de São Paulo traz como direito de escolha da mulher definir qual seria seu acompanhante apropriado nas consultas e exames pré-natais⁽²⁾. Estes direitos, sobretudo da participação do pai da criança, em geral, são desconhecidos ou negligenciados pelos trabalhadores dos serviços públicos de saúde⁽³⁾ o que limita estudos com esse grupo de usuários e, conseqüentemente, as ações que os resultados podem direcionar, particularmente, com esse ator que apresenta um elo com o processo gestacional.

No contexto das políticas públicas de saúde, o Programa de Humanização do Parto e Nascimento (PHPN) do Ministério da Saúde (MS) necessita de permanentes avaliações e novas intervenções para alcançar seus objetivos, como reduzir a morbidade e mortalidade materno-infantil, facilitar o acesso ao pré-natal e à assistência ao parto e puerpério, aumentar a cobertura e melhorar a qualidade destes. Os estudos que avaliam os resultados do PHPN mostram uma cobertura muito baixa e indicadores de processo entre as mulheres por ele assistidas muito aquém do esperado⁽⁴⁻⁵⁾.

Considerando que a relação que a mulher e a família estabelecerão com a criança dependerá do contexto de cada gestação, no Manual Técnico Pré-Natal e Puerpério: atenção humanizada e qualificada, editado pelo MS, em 2005, há a recomendação para que a presença do pai seja estimulada durante as atividades de consultas e de grupo⁽⁶⁾.

Atuando em um serviço que atende gestantes pelo sistema público de saúde na cidade de São Paulo, observamos que os homens que comparecem às consultas ficam atentos, demonstram afetividade com a companheira e emocionam-se ao ouvir as batidas do coração de seu bebê. A situação provoca alguns questionamentos sobre o perfil desses homens que acompanham suas mulheres nas consultas e os fatores que influenciam na participação.

Assim, para demonstrar a importância e as possibilidades da participação masculina nos assuntos que envolvem a reprodução humana, o presente estudo teve como objetivo conhecer a experiência do homem, como acompanhante da mulher nas consultas de pré-natal.

MÉTODO

Estudo de abordagem qualitativa, foi desenvolvido no serviço de pré-natal do Amparo Maternal (PN-AM), uma instituição filantrópica da cidade de São Paulo que atende prioritariamente gestantes

caracterizadas como de baixo risco obstétrico e de condições socioeconômicas desfavoráveis. O atendimento pré-natal é conduzido por enfermeiras obstétricas, docentes e alunos de graduação e de pós-graduação em enfermagem e é realizado de segunda à sexta-feira das 7h às 17h.

Participaram 15 homens presentes na sala de espera e que acompanhavam a consulta pré-natal de suas mulheres. A amostra foi intencional e seu tamanho estabelecido durante a coleta de dados pelo critério de saturação⁽⁷⁾.

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas, realizadas em um dos consultórios do serviço de pré-natal. Foi utilizado um roteiro com a questão norteadora “Fale-me como é para você acompanhar sua mulher às consultas pré-natais” e outras complementares como “Fale-me dos motivos para vir às consultas como acompanhante de sua mulher”; “Fale-me como é a relação com os profissionais do serviço”; e “Fale-me de outras atividades relativas à gravidez que vocês participam juntos”.

Após a transcrição das entrevistas, foram identificadas as Ideias Centrais e as Expressões-Chave, a partir das quais foi construído o Discurso do Sujeito Coletivo que visa dar luz às individualidades semânticas componentes do imaginário social, seja quando ela é comparilhada ou está presente em mais de um depoimento⁽⁸⁾.

Os temas que emergiram foram analisados sob a ótica da teoria das representações sociais. Estas encontram-se no imaginário individual das pessoas, tornando-se sociais porque apresentam semelhanças e, por seu poder convencional e prescritivo sobre a realidade, terminam por constituir o pensamento em um verdadeiro ambiente onde se desenvolve a vida cotidiana⁽⁸⁾.

Na elaboração das representações sociais, a contribuição de dois fatores são necessários: a objetivação e a ancoragem, que são responsáveis pela interpretação e atribuição de significados do objeto humano. Neste estudo, é a experiência do homem quando acompanha a mulher grávida nos atendimentos pré-natais⁽⁸⁾.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (Processo nº 582/2006).

RESULTADOS

No Quadro 1, constam dados dos 15 parceiros acompanhantes que participaram do estudo.

Quadro 1 – Perfil dos homens acompanhantes na consulta pré-natal, São Paulo, Brasil, 2007

Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Filhos	Gravidez planejada
Leonel	27	Professor de educação física	Superior	Nenhum	Não
Robson	30	Cartorário	Superior	1	Não
Paulo	29	Gerente de lanchonete	Ensino médio	1	Não
Ronald	30	Manobrista	Ensino fundamental	3	Não
José Roberto	25	Funcionário público	Ensino médio	Nenhum	Não
Paulo	21	Ajudante de cozinha	Ensino fundamental incompleto	Nenhum	Não
Adauto	35	Supervisor de segurança	Ensino médio	2	Sim
Daniel	21	Operador de telemarketing	Superior incompleto	Nenhum	Não
Erasmus	32	Coordenador de manutenção	Ensino fundamental incompleto	1	Não
Ricardo	27	Preparador de prensa injetora de plástico	Ensino fundamental incompleto	1	Não
Fábio	23	Cobrador de ônibus	Ensino médio incompleto	Nenhum	Sim
João	26	Entregador de livros escolares	Ensino fundamental	1	Sim
Ademar	21	Autônomo (Serviços gerais)	Ensino médio incompleto	Nenhum	Não
Márcio	27	Desempregado	Ensino fundamental	2	Não
Marconis	21	Ajudante de serviços gerais	Ensino fundamental	Nenhum	Sim

Conforme apresentado no quadro, os participantes do estudo tinham idade entre 21 e 35 anos, apenas um deles era desempregado, os demais exerciam atividades profissionais no período diurno. A escolaridade deles foi distribuída em Ensino fundamental, Ensino médio e Ensino superior. Quanto à paternidade, sete homens referiram como sendo a primeira, cinco como a segunda, dois como a terceira, e um como a quarta. A gravidez foi referida como planejada por quatro homens.

Os discursos foram agrupados em cinco temas que envolveram a participação do homem, como acompanhante de sua mulher na atenção pré-natal.

Tema 1. Os motivos para acompanhar a mulher

Se tá com algum problema, eu posso ajudar, acompanhar e saber como está a saúde dela, se tá com anemia. Gosto de escutar o coração do bebê, se tá crescendo, se tá tudo bem! Você tá entrando, fica mais sabendo das coisas objetiva. A situação é mais fácil do que a pessoa falar o que aconteceu e para saber como que vai ser. Não era nosso plano [a gravidez], mas já que aconteceu agora é só nós dois, eu acho que um tem ao outro, um ajuda o outro em tudo isso. Você tira praticamente suas dúvidas. Depois fica mais, como um exame de rotina.

Tema 2. O homem no contexto ambulatorial

A primeira vez em consulta de mulher é estranho. Eu pensava assim, a médica sei lá, fazia perguntas assim mais íntimas. Eu tenho até vergonha de falar. Mas dá pro marido entrar sossegado. Escuta o coraçãozinho, mede a barriga, pergunta pra ela se ela tá tipo cansada, inchaço nas pernas, essas coisas!" Eu não sou o foco da consulta, mas não tenho constrangimento. Assim, não é nem culpa do profissional, mas o acompanhamento começa a se voltar mais para o nenê e a sensação da mãe, bastante enjôo, ah! Tá com náusea! Chegando perto do nascimento, foca-se mais a mãe e, às vezes, a pessoa não gosta [que faça perguntas] não só pelo médico, mas, pela minha esposa. Então, eu deixei mais na mão dela para perguntar a respeito do nenê, como ela estava, se estava tudo legal! Tudo normal! Eu não interagi, eu fiquei mais quietinho. Então, o pai é meio que só ouvidor, um ouvidor, esclareceu a dúvida, o pai fica meio que só coadjuvante, um ajudante geral...

Tema 3. O homem acompanhante no contexto familiar

Eu dou o dinheiro pra ela, ela vai e compra do gosto dela. Ela compra o que ela quiser. Eu falo o dinheiro tá aí porque tem que comprar um berço, o mosquiteiro, estante e porque tem que pintar a parede. Eu ajudo ela. Eu sempre ajudei ela, arrumar a casa, trocar, dar banho nas crianças. Entendeu? Arrumar roupa, cozinhar... não é porque tá grávida, é doença e de repente causa dor...

Tema 4. As dificuldades em acompanhar as consultas pré-natais

Porque, às vezes, o chefe não libera também, ele fala pré-natal? O que vai fazer lá, você não tá grávido! Mas, aí eles esquecem o lado emocional da pessoa, e se a pessoa, se a mulher não faz questão, e o homem também acha que não é necessário. E, no outro serviço, eu não entrava, não podia... Excluído! Não davam acesso, não podia entrar. A gente ficava pro lado de fora, só esperando na expectativa, depois perguntava para ela e não falava correto as coisas.

Tema 5. A experiência da participação

Se você não vem às consultas você não vai saber de nada e vai achar que tudo é lindo e maravilhoso! Agora eu tô entrando, tô vendo, tô ouvindo o que falam... tenta compreender a pessoa [mulher], se a pessoa tá bem... O pré-natal o que mais passou para mim, o que eu pude entender é isso, a gente vai acompanhar o nenê e coisa e tal. Você tem que fazer aquilo, só não tem muita coisa pra ir se aprofundando, que é mais a mulher e a criança. Tem aquele "radinho" [sonar]. O primeiro ultrassom que eu vi, deu tremedeira, suadeira, batimento, quase caí. Você vê aquela coisa pequenininha! Depois acalma, já fica tudo normal.

DISCUSSÃO

Por meio da observação do comportamento dos homens durante a realização do trabalho de campo e da análise de seus discursos, percebemos que as representações da mulher grávida para ele estão refletidas nas mudanças psicológicas, biológicas e sociais que irão ocorrer no período gestacional, que influenciarão a vida de ambos.

O homem demonstrou alegria com a gravidez em curso, todas sem risco gestacional. Estava vinculado ao período gestacional, à mulher, e ao serviço de atendimento pré-natal. O homem participou das consultas pré-natais por vontade própria, quando convidado ou, ainda, quando a mulher fez questão de sua presença.

Sua experiência na participação pré-natal permitiu acompanhar e compreender a gravidez como um momento não apenas de cuidados com a mulher⁽⁹⁾, mas também de sentimentos, responsabilidades e decisões compartilhadas, como, por exemplo, na aceitação da gravidez não planejada, situação vivenciada pela maioria dos entrevistados.

O homem acredita que o compromisso do casal está mais definido com a gravidez, quando ele deve mostrar e agir com mais responsabilidade. Nesta pesquisa, a responsabilidade também foi referida quando da necessidade de estar sempre junto da mulher, porque, conforme o homem, ela pode precisar de sua presença para sentir-se segura. Estudos referem que os homens mostram estar mais disponíveis, tendendo a agir positivamente ao aumento das necessidades emocionais da mulher, cuidando de sua saúde e, conseqüentemente, do bebê. Assim, acompanhá-la às consultas pré-natais é significado de proteção, um momento em que ele lhe oferece suporte físico e psicológico⁽⁹⁾.

Desse modo, a maioria dos homens entrevistados mostrou satisfação por participar das consultas. Não obstante, houve os que ficaram entediados quando perceberam as consultas como algo rotineiro. Houve, ainda, homens que acompanharam a mulher apenas no primeiro atendimento, quando mencionaram que peregrinaram por outros serviços à procura de vaga no pré-natal. Assim que a mulher foi aceita em um atendimento, deixaram de acompanhá-la, retornando apenas para o exame de ultrassonografia. Esta é mais uma indicativa de como o exame é importante aos usuários do sistema de saúde, pois ajuda na construção da imagem do bebê, tornando a gravidez mais real⁽¹⁰⁾.

A partir do terceiro trimestre da gravidez, o homem sente-se mais aproximado do filho, o que pode ser atribuído ao crescimento da barriga e à maior perceptividade dos movimentos do bebê. As consultas também podem contribuir para esta aproximação, mesmo antes do terceiro trimestre, pelas sensações proporcionadas pela audição dos batimentos cardíacos e a visualização pela ultrassonografia⁽¹⁰⁾.

Mulheres grávidas percebem o interesse do parceiro pela gestação quando o mesmo demonstra preocupação por ela e pelo bebê. Entretanto, reconhecem que ele, por vezes, desvaloriza suas queixas, o que pode gerar conflitos e desarmonia conjugais, que podem ser potencializados pela sua ausência nas consultas de pré-natal. Tais situações são acentuadas pela falta de condições apropriadas para os homens participarem do processo gravídico. Há necessidade de planejamento de ações institucionais específicas para essa população, a fim de oferecer suporte para o acompanhamento no processo gestacional, de modo que os homens possam ser referência de apoio emocional às suas companheiras⁽¹¹⁾.

As instituições que estimulam a participação do homem no serviço de saúde reprodutiva estão incorporando um dos princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde, o da integralidade das ações e requer dos profissionais uma compreensão do processo saúde-doença que ultrapasse o modelo biológico⁽¹²⁾. Neste estudo, porém, o homem referiu que as consultas são direcionadas ao controle da saúde da mulher e do bebê, considerando o homem, muitas vezes, como coadjuvante.

O homem sentiu-se privilegiado em poder participar das consultas pré-natais, embora não tenha percebido essa participação como um direito, mas como uma concessão do serviço de saúde, demonstrando o desconhecimento sobre os direitos dos usuários dos serviços de saúde⁽⁵⁾.

É válido ressaltar que os homens não gostam de frequentar os serviços de saúde, porque não querem, não podem ou não desejam demonstrar vulnerabilidade ao estarem doentes. Dessa forma, a procura por assistência médica revela ser uma situação vivida, em sua maioria, por mulheres, que se tornam mais familiarizadas com as normas dos serviços de saúde. O fato demonstra que o sistema oficial de saúde possui fragilidades que dificultam o acesso à totalidade de seus usuários⁽¹¹⁾.

A observação sugere a possibilidade de processos educativos direcionados ao casal, permitindo que o conhecimento pré-natal seja mais adequado e difundido. Para isso, os estudos devem ser oriundos de pesquisas realizadas entre homens e mulheres, promovendo melhora na atenção pré-natal e nos indicadores epidemiológicos maternos e infantis⁽¹³⁾.

O cotidiano do cuidado da saúde da mulher vem mostrando que a relação com o homem influencia profundamente o bem-estar da mulher na gestação e após o nascimento dos(as) filhos(as), seja pela sua presença, aceitação e prazer de estar junto, seja pela sua ausência, resistência e negação da responsabilidade como pai. Como no serviço em que foi realizada a pesquisa, é a mulher quem decide se terá e quem será o acompanhante, é preciso haver uma negociação entre o casal, sugerindo que o envolvimento que o homem terá com o filho será mediado pela mãe. Quando a participação do homem é efetiva, na gravidez e após o parto, criam-se situações de bem-estar para todos os envolvidos no processo de modo a se estabelecerem relações mais igualitárias⁽¹³⁾.

No discurso, o homem revela que o estereótipo de pai responsável em prover financeiramente a família funciona como uma barreira na participação no pré-natal, afastando-o de seus sentimentos em relação à mulher grávida.

Neste estudo, as dificuldades encontradas e referidas pelo homem para não participação das consultas estavam centradas nos horários de atendimento da maioria dos serviços públicos no Brasil, que são coincidentes com os de seu trabalho. O fato reforça que, em nossa sociedade, não se destinam cuidados ao homem que se torna pai. Tampouco se reconhece sua necessidade na participação na gestação, deixando de prepará-lo para as mudanças com a chegada do bebê, desvalorizando o apoio que ele poderá fornecer à sua companheira⁽⁹⁾ e postergando seu vínculo afetivo com o filho.

Questões culturais permearão a vivência da paternidade. Deste modo, a participação masculina reflete os padrões culturais construídos socialmente, que podem contribuir para o afastamento ou aproximação dos homens nas questões reprodutivas⁽¹⁴⁾.

Espera-se que o homem participe ativamente da esfera econômica, que construa sua identidade masculina por intermédio do papel de trabalhador. Sendo assim, sua função principal é a de provedor e, ainda que reivindique dimensões femininas, como cuidar de crianças ou executar tarefas domésticas, o trabalho remunerado e o sustento dos filhos continuam sendo considerados como prerrogativas masculinas⁽¹³⁾.

Quando a participação do homem no período gestacional não se apresenta de forma afetiva, ele alinha-se ao estereótipo de pai provedor. Esta situação pode gerar conflitos entre o casal, pois muitos consideram que, embora as questões de suporte financeiro sejam consideradas primordiais, não são menos importantes que as de suporte emocional⁽¹⁵⁾. Posto dessa forma, o apoio que o companheiro vai dispensar à sua mulher vai depender de como a sociedade compreende a participação do homem no período gestacional, o que vai influenciar no desempenho de seu papel social, como companheiro e futuro pai.

Cabe ressaltar que a presença de acompanhante, sobretudo do parceiro, no serviço de pré-natal no PN-AM vem sendo uma das experiências mais bem-sucedidas e pode constituir

um dos fatores determinantes para a opção da gestante quanto à escolha e continuidade do acompanhamento da gestação nesse local.

Sugerimos a elaboração de novos estudos que busquem investigar a experiência do homem sobre a assistência institucional oferecida à gestante, com casais, que, independentemente, participam juntos das consultas, de forma a relacionar os resultados com os desfechos maternos e neonatais.

A sociedade precisa perceber a necessidade de mudança nos indicadores epidemiológicos da saúde materna, que insistem em permanecer desfavoráveis e desiguais, quando a mulher é cuidada apartada de sua família.

CONCLUSÃO

Concluimos que o objeto social, a experiência masculina na atenção pré-natal, ainda que o atendimento seja destinado apenas aos cuidados com a mulher grávida, constitui uma inserção do homem no universo feminino e abre espaço para a formação de novas relações de gênero nas quais homens e mulheres podem beneficiar-se da vivência do período gestacional.

REFERÊNCIAS

1. Salem T. A trajetória do "casal grávido": de sua constituição à revisão de seu projeto. In: Figueira AS, organizador. Cultura da psicanálise. São Paulo: Brasiliense; 1985. p.35-61.
2. São Paulo (Estado). Lei n. 10.241, de 17 de março de 1999. Dispõe sobre direitos dos usuários de serviços de saúde. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 18 mar. 1999.
3. Gomes AMA, Sampaio JJC, Carvalho MGB, Nations MK, Alves MSCF. Code of rights and obligations of hospitalized patients within the Brazilian National Health System (SUS): the daily hospital routine under discussion. Interface (Botucatu) [Internet]. 2008 [cited 2010 May 14];12(27):773-82. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832008000400008>
4. Serruya SJ, Lago TG, Cecatti JG. Avaliação preliminar do programa de humanização no pré-natal e nascimento no Brasil. Rev Bras Ginecol Obstet [Internet]. 2004 [cited 2010 May 14];26(7):517-25. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-72032004000700003>
5. Nascimento ER, Rodrigues QP, Almeida MS. Prenatal care quality indexes of public health services in Salvador, Bahia. Acta Paul Enferm [Internet]. 2007 [cited 2010 May 14];20(3):311-5. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002007000300011>
6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada - manual técnico. Brasília; 2005. [cited 2010 May 14]. Available from: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_pre_natal_puerperio_3ed.pdf
7. Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. Cad Saúde Pública [Internet]. 2008 [cited 2010 May 14];24(1):17-27. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>
8. Duarte SJH, Mamede MV, Andrade SMO. Opções teórico-metodológicas em pesquisas qualitativas: representações sociais e discurso do sujeito coletivo. Saude Soc [Internet]. 2009 [cited 2010 May 14];18(4):620-6. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902009000400006>

9. Pesamosca LG, Fonseca AD, Gomes VL. Percepção de gestantes acerca da importância do envolvimento paterno nas consultas pré-natal: um olhar de gênero. *Rev Min Enferm [Internet]* 2008 [cited 2010 May 14];12(2):182-8. Available from: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/255>
10. Piccinini CA, Levandowski DC, Gomes AG, Lindenmeyer D, Lopes RS. Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estud Psicol [Internet]*. 2009 [cited 2010 May 14];26(3):373-82. Available from:
11. www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n3/v26n3a10.pdf
12. Silva FCB, Brito RS. Percepção de gestantes acerca das atitudes do companheiro diante da sua ausência no pré-natal. *Rev RENE [Internet]*. 2010 [cited 2010 May 14];11(3):95-102. Available from: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/4594/3443>
13. Galastro EP, Fonseca RMGS. A participação do homem na saúde reprodutiva: o que pensam os profissionais de saúde. *Rev Esc Enferm USP [Internet]*. 2007 [cited 2010 May 14];41(3):454-9. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342007000300016>
14. Freitas WMF, Coelho EAC, Silva ATMC. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad Saúde Pública [Internet]*. 2007 [cited 2010 May 14];23(1):137-45. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2007000100015>
15. Oliva TA, Nascimento ER, Santo FRE. Percepções e experiências de homens relativas ao pré-natal e parto de suas parceiras. *Rev Enferm UERJ [Internet]*. 2010 [cited 2010 May 14];18(3):435-40. Available from: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=19485&indexSearch=ID>
16. Freitas WMF, Silva AT, Coelho EA, Guedes RN, Lucena KD, Costa AP. Paternity: social responsibility of man's role as provider. *Rev Saúde Pública [Internet]*. 2009 [cited 2010 May 14];43(1):85-90. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19169579>